

REPÚBLICA DE ANGOLA

LÍNGUA VERSUS FALA: A QUESTÃO ANGOLANA
Por Amélia A. Mingas

LUANDA/Outubro de 004

INTRODUÇÃO

A história humana abarca as diferentes etapas de desenvolvimento de uma comunidade. No que respeita aos países que, à semelhança de Angola, estiveram em contacto com outros de que sofreram a dominação, o processo histórico deu à língua da potência dominadora, direitos de inclusão no património linguístico nacional.

A dicotomia língua/fala consubstancia uma realidade linguística complexa, criando, em consequência, um campo amplo de reflexão e de investigação. Toda a língua constitui um acto de criação de uma comunidade específica, onde cada um dos seus membros contribui para a sua expansão e enriquecimento. Por esta razão, ela representa o seu meio/modo de expressar, transmitir, desfrutar e partilhar vivências, sentimentos e sentires. Porque resultante da criação humana, ela desenvolve-se de acordo com as várias e constantes contribuições de toda a comunidade.

Para Saussure (1992 : 32), a língua é um ***“produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos, o exercício desta faculdade”***.

Para nós, língua é tudo isso mas também, e principalmente, elemento de identificação, acto e factor de cultura, próprios a uma comunidade específica.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA

A dinâmica do fenómeno de troca cultural que se desenvolveu durante a época colonial, entre os Angolanos e os Portugueses, implicou modificações substanciais da língua portuguesa. Tendo em conta a presença de contributos linguísticos e sócio culturais locais, a alteração que a língua portuguesa tem vindo a sofrer, em Angola, durante todos estes séculos de contacto com as línguas e culturas locais, constitui um processo em lento, progressivo e contínuo

desenvolvimento e é graças a essa coabitação que ela foi crescendo e diferenciando-se, de acordo com cada uma das sociedades receptoras.

No país, a acção colonial criou e concedeu níveis de exclusividade funcional à língua portuguesa, o que lhe permitiu ganhar lenta, segura e progressivamente, impacto espacial, impacto que se reforçou durante o decorrer da luta de libertação. Nessa época, a língua portuguesa era uma das línguas, senão a única conhecida por todos os integrantes do processo, quer fossem dirigentes, quer dirigidos. Assim, ela teve a possibilidade de dar o salto de qualidade pela sua transformação de “língua de opressão/exploração” em “língua de liberdade”. Esta fenomenologia está bem patente na afirmação de Benveniste (1974 : 24) : “... ***c’est le pouvoir d’action, de transformation, d’adaptation, qui est la clef du rapport humain entre la langue et la culture, un rapport d’intégration nécessaire***”.

Na realidade, nunca é demais lembrar que foi aprendendo, falando, odiando, lutando, reagindo mas também amando, em português, que se forjou, arquitectou, desenvolveu e consolidou a luta pela liberdade do país. Em consequência, o processo iniciado durante o período colonial e potencializado durante a luta, garantiu a essa língua direitos de cidadania.

Mas convenhamos, esse direito de cidadania teve/tem o seu preço, pois implicou/a a sua exposição directa e não controlada à luta pela subsistência das línguas em presença. Essa luta é a responsável pelo fenómeno de variação que caracteriza o português falado em Angola.

Com efeito, tendo a língua portuguesa estado sujeita a um processo de apropriação por uma sociedade diferente da original, o mesmo materializou-se pela integração de traços novos, característicos da sociedade em criação. Por tal, a língua falada em Angola, tende a diferenciar-se da falada em Portugal, Brasil, etc. De salientar contudo que, por razões históricas óbvias, a fala de Angola está mais próxima da brasileira, particularmente no campo do acervo lexical, da pronominalização e no da utilização do ditongo decrescente.

Considerando que, a partir de um mesmo código, se desenvolveram competências e desempenhos linguísticos distintos, podemos admitir a existência de tipos diversos de variação da língua portuguesa no mundo.

PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA: UMA VARIEDADE?

Para Celso Cunha e Lindley Cintra, o termo variedade cobre todo o tipo de variação de que é objecto a língua portuguesa. Contudo quanto a nós, com essa designação não se coberto, por completo, o fenómeno porquanto a variação que a língua portuguesa sofreu/sofre nos Açores, Madeira e em Portugal, resulta da sua dinâmica interna, atributo de qualquer língua que, como organismo vivo que é, nasce, desenvolve-se (se lhe forem criadas as condições necessárias) e morre, caso não seja enriquecida, vivida, falada.

Contudo, em Angola, Moçambique, Brasil, a variação da língua portuguesa não esteve tão-somente dependente da sua dinâmica interna, mas igualmente do seu contacto com outras realidades linguísticas e extra linguísticas intrínsecas às novas sociedades. Por conseguinte, legítimo se torna perguntar: Será que estamos perante o mesmo fenómeno, ou será que, devido às variáveis avançadas, deverá ser questionada a utilização do item “variedade” para a variação da língua portuguesa no Brasil, Moçambique, Angola?

Numa outra definição, o termo é apresentado como sendo o “... **conjunto dos usos de uma língua próprios de uma comunidade linguística**”. Por outro lado, afirma-se: “... **são diferentes as variedades do português faladas em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e Portugal**”¹. A análise destas frases pode levar alguém menos atento a visualizar os povos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Portugal como se de um mesmo povo se tratasse.

Importa contudo relembrar, que a língua é um dos elementos identificadores de uma comunidade mas não é o único. No que respeita à realidade portuguesa, o seu povo teve/tem uma língua e uma cultura que lhe foram legadas pelos seus

¹ Cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Verbo, 2001, pag. 3706

antepassados. Mas, no que se refere aos outros países, a realidade é outra pois, uma parte do povo, língua e cultura portuguesas entraram em contacto com os povos, línguas e culturas ancestrais locais, que constituem dados que não podem nem devem ser ignorados, porque parte integrante e fundamental da sua identidade.

A problemática aqui levantada é, quanto a nós importante. Porque pensamos que estamos perante dois processos distintos, cremos ser pertinente analisar o que consideramos como “o complexo fenómeno da fala portuguesa”.

A FALA PORTUGUESA

A fala é definida como sendo o **“uso que um determinado indivíduo faz da língua numa dada situação”, “maneira de falar própria de uma região, de uma terra.”**² Nesta acepção, as diversas variações que caracterizam a língua portuguesa, poderão, **grosso modo** e **lacto senso** ser designadas, FALA. Assim, podemos classificar essas variações como sendo manifestações da fala portuguesa. Razões várias estão na base desta posição. Contudo, dada a extensão do problema, a nossa atenção vai centrar-se na experiência angolana.

No que concerne à sociedade angolana, o fenómeno de apropriação e recriação da língua portuguesa resulta, como o afirmámos, da presença de elementos sócio culturais locais que eram/são notória e obviamente, estranhos à comunidade de origem, ou seja à portuguesa. Em consequência, os exemplos da fala portuguesa em Angola apresentam alterações que se repetem e se consolidam, cada vez mais ao nível oral, de Norte a Sul, de Este a Oeste do país pois, como o afirmou Martinet (1991 : 158):

“Quando se opera numa língua que se conhece mal, só traduzindo-a para a sua “própria língua” se toma consciência do sentido das unidades significativas. Neste caso, o perigo reside na tentação de interpretar a língua descrita em função daquela para a qual se traduz”.

² Cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Verbo, 2001, pag. 1680